

O mediterrâneo e a imagem.

(Para "Primavera fotografica", Barcelona 14-17/3/34)

Evento crucial para a emergência da "história" no sentido estrito do termo ocorreu a beira do mediterrâneo há 3.500 anos: a invenção da escrita linear, do "alfabeto". Se definirmos "história" como sequência de atos que visam conscientemente a transformação de natureza em cultura, sequência esta que permite ser contada, (nos dois significados do termo), então a invenção da escrita linear se afigura enquanto o fundamento mesmo da consciência histórica humana. Graças a invenção da escrita linear tornou-se possível contar, (enumerar e relatar), tornou-se possível ordenar os fenômenos em séries lineares, transformar cenas em eventos. Graças a invenção da escrita linear o homem adquiriu a consciência de ator e autor de eventos. De maneira que o mediterrâneo e o berço, não apenas da história do Ocidente, mas da consciência histórica de toda a humanidade.

Pois o gesto de escrever textos lineares, (esse gesto histórico par excellence), e gesto dirigido contra imagens. O engajamento do letrado, do escriba, do clérigo, do intelectual, e engajamento em prol da unidimensionalidade do processo e contra a bidimensionalidade da cena. Escrever significa arrancar os fenômenos do seu contexto cênico, (relacional), afim de alinhá-los segundo regras intencionalmente estabelecidas, (regras matemático-lógicas, sintáticas, causais), afim de tornar tais fenômenos contáveis, (adicionáveis, calculáveis, computáveis). Escrever e gesto que visa rasgar o tecido relacional da cena, (do "Sachverhalt"), e enfiar os elementos destarte soltos sobre fios condutores: e gesto produtor de colares, de abacos, de "contas". Escrever e desfiar os fios do tecido da cena, apanhar os elementos soltos, e alinhá-los sobre fios novos, fios que sejam condutores. O gesto que acabo de descrever e gesto "explicativo". Explica o que esta contido implicitamente na cena. Pois as cenas a serem explicadas pela consciência histórica, letrada, são cenas imaginadas. Escrever e explicar imagens. Os primeiros escribas rasgavam as imagens, afim de explicá-las. Avancavam contra a opacidade das imagens, afim de torná-las transparentes. Seus buris e lapis eram armas ditigidas contra as imagens.

Para compreender-se a violência do engajamento anti-imaginístico dos primeiros escribas, (em Ugarit, em Creta), e para avaliar tal engajamento em escribas subsequentes, (nos profetas, em Platao, no Islam atual), e preciso considerar o poder exercido pelas imagens sobre a sociedade. Imagens são superfícies cujo propósito é de representar o mundo para o homem. Fazem-no ao abstrair a dimensão temporal e a da profundidade. São mapas bidimensionais do mundo. Como tais, são modelos para a percepção, a avaliação, a compreensão e a ação no mundo. No entanto, dada a dialética de toda mediação, as imagens não apenas representam, mas igualmente substituem. São elas veus que vedam o acesso ao mundo, ao se substituírem ao mundo. Em vez de mediarem, alienam. E contra tal poder alienante das imagens, contra tal "idolatria", que os escribas se engajam.

A imagem destarte transformada de mapa em biombo inverte o vetor de significação que a liga ao mundo. Em vez da imagem significar o mundo, e agora o mundo que significa a imagem. A sociedade não mais utiliza a imagem em função do mundo, mas o mundo em função da imagem. Pois, dada a estrutura bidimensional da imagem,

os elementos nela constantes se relacionam entre si circularmente. Todo elemento individual confere significado a todos os demais elementos, e recebe seu proprio significado dos demais elementos. Tal reversibilidade do relacionamento, (tempo ciclico do eterno retorno e densidade de significacoes), e projetada a partir da imagem sobre o mundo. O mundo vai ser vivenciado, avaluado, e compreendido enquan- to contexto reversivel. E a vivencia, a valoracao e a compreensao mitica. E a acao que se segue a isto e a da magia. A imagem virada opaca projeta sobre o mundo a sua propria estrutura de mito e magia. E e contra isto que os letrados se engajam. O mediterraneo passa, com a invencao da escrita linear, a lugar de engajamento contra o mito e a magia.

Tal engajamento assume, no judaismo original e na filosofia pre-socratica, a forma mais tarde chamada "humanista". A escrita linear substitui a circularidade do eterno retorno, caracteristica da imagem, pela linearidade irrevogavel, caracte- ristica do texto. O tempo flui doravante do passado rumo ao futuro, e todo instan- te passado e doravante vivenciado como oportunidade irremediavelmente perdida. Sur- ge aquele clima de urgencia e dramaticidade que acompanha a historicidade. Nao e pois tanto o fato que doravante tudo pode ser explicado "racionalmente", (matemati- camente, logicamente, por causas e efeitos), o que vai caracterizar a existencia his- torica, mas o fato que doravante o homem e responsavel por suas decisoes e atos. Em suma: a revolucacao contra as imagens, iniciada no mediterraneo ha 3.500 anos, nao e apenas a afirmacao da razao conceitual contra a imaginacao magico-mitica, mas e so- bretudo a afirmacao da liberdade humana face as forcas ocultas que, segundo o pen- samento pre-historico, regem o homem.

Mas o mediterraneo nao e palco da vitoria da liberdade sobre o destino, da razao sobre a imaginacao, do texto sobre a imagem. E, pelo contrario, palco de lu- ta entre ambos. Com efeito: e esta luta que distingue o mediterraneo, (e as regioes adubadas por ele), de todas as demais regioes do globo. Porque a imagem e a imagi- nacao nao se rendem ao texto e a razao discursiva. Pelo contrario: contestam o pen- samento textual durante a epoca toda da historia ocidental, durante os 3.500 anos todos que nos separaram da invencao do alfabeto. Tal luta entre a existencia imagi- nistica, (pre-historica, paga), e a existencia racional, (historica, judeo-crista e islamica), e a propria dinamica que propela a cultura originaria do mediterraneo e das regioes adjacentes. No decorrer de tal luta vai se estabelecendo dialectica entre imaginacao e razao, entre imagem e texto. As duas tendencias opostas, ao se enfrentarem, passam a se reforcarem mutuamente. A imaginacao vai se tornando sem- pre mais conceitual durante o processo, e a conceituacao sempre mais imaginativa. E que os textos, ao explicarem as imagens, provocam as imagens a ilustrarem os tex- tos. E e que os conceitos, ao desmitizarem a imaginacao, provocam a imaginacao a imaginar conceitos, a re-mitizar o discurso. A historia ocidental pode ser vista enquanto tal luta entre imagem e texto.

No inicio da historia mediterranea, a sociedade vai se estruturar em dois niveis: no dos letrados que se informam por textos e que vivem historicamente; e no da grande massa dos iletrados que se informam por imagens e que vivem pre-histori- camente. Os letrados dirigem a historia, "decidem", e os iletrados sustentam a his-

toria sem dela participarem ativamente. No entanto: ha feed-back constante entre as duas camadas da sociedade. As imagens da camada iletrada vao penetrando a elite letrada para serem recordadas em textos, e os textos da elite vao sendo recordados em imagens, afim de penetrar a massa. Podemos constatar tal engrenagem "texto-imagem" em todos os fenomenos culturais do mediterraneo na epoca anterior a emergencia do cristianismo.

Tal emergencia e preparada pelo advento de dois textos tidos por "sagrados": a Biblia judia e Homero. As duas formas de pensamento historico, a judia e a grega vao se codificando quase simultaneamente, e vao dar origem a duas maneiras de se existir historicamente: a do engajamento politico e etico, e a da ciencia e da filosofia. Ambas as maneiras de se existir estao opostas ao existir magico e mitico, embora a judia o seja mais nitidamente que a grega. Mas, como a ocupacao da Palestina pelos gregos, e a penetração do Imperiã romano pelos judeus o ilustra, ambas as formas de existencia historica estao opostas violentamente uma a outra. O cristianismo pode ser visto como tentativa de sintese do discurso judeu com o discurso grego, (e latino), em oposicao ao "paganismo" imaginistico, magico-mitico, prevalescente na massa da sociedade. Mas a sintese nao se realizara perfeitamente, a cultura mediterranea jamais se integrara perfeitamente, e continuara internamente rasgada. Sao sobretudo tres fatores que impedem a integracao mediterranea, e lhe conferem o dinamismo explosivo que o caracteriza: a incongruencia entre o historicismo judeu e o grego; a invasao do mediterraneo pelo arabes e germanos; e o poder irreprimitivel das imagens do paganismo. E o terceiro fator que interessa neste contexto.

Ao "conquistar" o mediterraneo e as regioes adjacentes, o cristianismo vai procurar submeter as imagens e os mitos das massas mediterraneas ao seu discurso linear de salvacao e do Ultimo juizo. Para faze-lo, o cristianismo vai absorvendo as imagens, integrando-as no seu discurso, e re-interpretando-as no sentido do seu discurso. Podemos observar este processo ja nas imagens coptas e nos textos dos "pais da Igreja", mas o exemplo mais glorioso de tal empenho e a epoca romanica com seus capiteis que imaginam textos biblicos, e com as iluminuras nos manuscritos. No entanto, ao destarte absorver as imagens, o proprio cristianismo se re-mitiza e se re-magiciza. Os exemplos de tal re-paganizacao do cristianismo, acompanhada de cristianizacao do paganismo, sao abundantes demais para serem citados. Em suma: a conquista do mediterraneo pelos textos sagrados provoca verdadeira explosao de imagens, de mitos, de magias que vai caracterizar a Idade media toda. E Grande parte das imagens vai surgir nos proprios mosteiros, essas ilhas alfabetizadas.

Este processo dialectico, gracias ao qual a imaginacao magica e a razao discursiva se vao reforcando mutuamente, vai no entanto explodir no final da Idade media, no "Renascimento", (esse fenomeno sem paralelo fora do mediterraneo). A explosao e complexa, e mencionarei apenas dois fatores que interessam neste contexto: a "Reconquista" e a invencao da imprensa. O Islam, que tinha conquistado grande parte do mediterraneo, e o tinha marcado por seculos, tinha conseguido, muito melhor que o cristianismo, reprimir as imagens e submete-las aos textos judeus e gregos. Sua submissao ao dominio cristao abriu o campo para a explosao da imaginacao reprimida. E a invencao da imprensa, ao tornar baratos os textos, tornou possivel a alfabeti-

4  
zacao, e portanto a historizacao, de nova camada social, da burguesia. De modo que o Renascimento e simultaneamente ampliacao da imaginacao e do pensamento racional, discursivo. A dialectica "imagem-texto" se eleva a nivel novo.

O que ocorre e isto: os textos, agora acessiveis a um novo tipo de letrados, (nao mais monjes, mas burgueses), passam a absorver uma imaginacao quase desenfreada, e o resultado e a ciencia e a tecnica modernas; e as imagens, agora desimpedidas de censura textual, passam a nao mais participarem do processo linear progressivo que a ciencia e a tecnica inauguram, e o resultado e a arte no significado moderno. A Idade moderna e pois epoca a qual, ao estabelecer o divorcio entre tecnica e arte, vai marginalizando as imagens muito mais eficientemente que o cristianismo, ao encerrarlas em ghetos glorificados do tipo museu. No proprio Renascimento tal tendencia para a marginalizacao da imagem ainda nao e nitida: ainda em Leonardo, por exemplo, temos o germe para um "uomo universale", o qual imagina em funcao da racao, e raciocina em funcao da imagem. Mas o Barroco, essa primeira epoca tipicamente moderna, vai fixar a tendencia moderna: a imaginacao vai ser absorvida pelos textos, (nada ha de mais imaginativo que os textos cientificos, tecnicos, filosoficos ou tecnologicos do Barroco), e as imagens vao sendo marginalizadas, isto e: "academizadas" e degradadas a serem "luxo".

Pois com o Barroco se inicia a lenta transferencia do centro da cultura ocidental rumo ao noroeste. O mediterraneo, o qual por 3000 anos tem sido o centro como que "natural" dessa cultura, vai sendo marginalizado, e o centro vai se deslocando para a Franca, os Paizes Baixos, a Alemanha, a Inglaterra, para se fixar atualmente em qualquer parte dos Estados Unidos. Tal migracao da cultura rumo ao protestantismo, esse cristianismo anti-imaginistico que produz imagens de "luxo", e que concentra sua imaginacao em textos cientificos e tecnicos, sugere que o mediterraneo nao e capaz a digerir o divorcio entre tecnica e arte. Que o mediterraneo murcha quando artesao e artista deixam de ser sinonimos, e quando a tecnica, essa imaginacao textual, domina. O mediterraneo aparentemente pode realizar-se apenas em situacao na qual imaginacao e razao, imagem e texto, discurso e magia, se contestam em luta corpo a corpo, em situacao pre-moderna. O mediterraneo se perde a si proprio em situacao de especializacao progressiva e progressista.

Ha indicios, no entanto, que a Idade moderna, (no sentido acima), esta por encerrar-se. Um fenomeno que sugere a superacao do divorcio entre tecnica e arte sao as imagens tecnicas, das quais a fotografia e a primeira. Fotografias sao resultados de textos cientificos, (oticos, quimicos, mecanicos), e produtos de aparelhos tecnicamente avancados. No entanto: sao imagens. Nelas, imaginacao e discurso cientifico-tecnico se contestam e se co-implicam como nas iluminuras, embora em nivel novo. E pois possivel que este nosso encontro, o qual tem a fotografia mediterranea por tema, seja evento que atesta a um novo "renascimento" do mediterraneo, embora sob constelacao ainda muito mal compreendida. Por certo: tal afirmativa pode causar vertigem, tantas as suas implicacoes mal formulaveis. Que a discussao subsequente contribua para esclarecer um pouco tal perspectiva inebriante.